

almada

- Da universidade só as fac(h)adas

■ Que sabem^o os universitários portugueses de Almada Negreiros?

Estamos na Cantina da Universidade Clássica de Lisboa. Este lugar onde as pessoas além da comida e do convívio se dividem pelas mesas transformadas em local de estudo.

É um lugar onde se estuda tanto ou mais do que se come. E estuda-se melhor do que se come.

Estamos nesta Cantina e vamos percorrendo estas mesas com um propósito — perguntar alguma coisa sobre Almada Negreiros. Talvez pareça insólito termos escolhido um restaurante. Mas trata-se dum restaurante-sala-de-estudo, onde se concentram estudantes de todas as faculdades de Lisboa. Não passa, esta Cantina, dum reflexo muito objectivo da inexistência de locais próprios para estudo, locais onde se encontre um ambiente não asfíxiante como o dessas bibliotecas das Faculdades.

A nossa curiosidade reside em detectar até que ponto estes universitários com quem vamos falar, conhecem Almada Negreiros. E recordamos neste momento o que nos disseram sobre um inquérito efectuado anos atrás na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se perguntava aos alunos se conheciam Almada Negreiros.

O resultado obtido foi estrondoso — a maior parte desconhecia-o.

Vamos iniciar a nossa conversa.

Aproximamo-nos duma mesa onde vários universitários se reúnem, livros nos olhos.

— Conhecem Almada Negreiros?

Responde-nos Maria Manuela, aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, perante os risinhos e movimentos esquivos das outras colegas.

— Não... isto é, já o vi. Só no jornal.

— E a Manuela nunca viu pinturas de Almada?

— Se não me engano são dele aquelas pinturas à entrada da Faculdade.

— E além de pintura, não conhece obras literárias de Almada?

— Não, não conheço.

— E a Manuela conhece o movimento artístico a que esteve ligado Almada Negreiros?

— Ainda não sei bem mas penso

que ele se integra na Presença. Agora me recordo que vi o Almada na Televisão, no Zip-Zip.

As outras colegas entram na conversa. Leonor e Graça, também alunas da Faculdade de Letras de Lisboa.

— Há um painel na entrada da Faculdade. Além deste painel não conheço mais nada. A única vez que o vi foi no Zip-Zip. — é a Leonor quem nos responde.

— E a Graça não quer dizer-nos nada?

— Acho que Almada é um grande artista. Quanto a mim considero o movimento orfeico e Almada o ponto nuclear donde partiu uma série de experiências até então longe de se concretizarem, tendo em conta a pasmação artística em que estávamos. Basta ver o impacto que causou naquela altura esse movimento extensivo, se não me engano, a todas as artes.

Tentamos outra mesa. Dois alunos do Instituto Superior Técnico.

— A primeira vez que conhecemos Almada Negreiros foi no Zip-Zip. Aliás até então só conhecia um quadro que saiu numa revista e que representava o Sol. E é o que conheço dele. Da sua actividade literária nada conheço.

Mais adiante outra mesa, outras opiniões. Jorge Vitor, Maria Luísa e Elisa Maria, alunos de Medicina e

Faculdade de Letras (curso de Românicas).

— Almada integra-se certamente no movimento de renovação da arte portuguesa que vai de 1910 a 1915.

É Maria Luísa quem nos fala.

— Como sei também que Sá-Carneiro e Fernando Pessoa fizeram parte desse grupo. Contudo nunca os li.

Estranhámos esta ausência de leituras. Perguntamos, por nossa vez, à Elisa Maria se alguma vez tinha lido estes autores. A resposta aí vai:

— Não costumo ler livros pornográficos.

Volta Maria Luísa a esclarecer-nos.

— Da minha parte não os leio, talvez porque infelizmente o curso dado na Faculdade sobre Literatura Portuguesa não versa sobre Literatura Contemporânea, o que é de lamentar. Quando indicam qualquer leitura é muito pelo vago. Não dão nomes de autores. É tudo de fugida e, por essa razão, tudo aquilo que se consegue obter para além disso é de iniciativa própria.

— Então quer dizer que todo esse problema se resolveria facilmente com uma remodelação das estruturas universitárias?

— Sim. Somos alunas do curso de Românicas e todo outro conhecimento que não seja o dos programas só se consegue obter por uma exigência pessoal que é uma constante variável. Ainda há tempos fizeram-nos na



ALMADA
«Foi no ZIP-ZIP»

Faculdade umas entrevistas semelhantes a estas que vocês estão agora fazendo e o resultado foi desastroso. Se quiser tirar a prova pergunte se algum dos entrevistados foi pegar ou estudar a obra de Almada depois de conhecidos os resultados. Contudo o erro só em parte é nosso.

Percorremos a galeria procurando mais impressões.

Desta vez é Raul Figueiredo, aluno do I. S. T., quem nos responde:

— Sim, conheço Almada, mais ou menos. Conheço-o pelos jornais. Contudo nada sei sobre ele em especial. Mas posso dar-lhes uma opinião: a obra de arte deve ser o mais objectiva possível para traduzir fielmente as realidades que nos cercam.

— Mas tem alguma preferência por algum pintor?

— Sim, por Picasso.

Ficamos indecisos se valeria a pena continuar. Resolvemos acabar. Conseguimos opiniões bem diversas e significativas.

Almada Negreiros continua na entrada das Faculdades; lá estão os seus desenhos cobrindo as paredes.

Reportagem de:

LEOPOLDO GONÇALVES

JOÃO DIONÍSIO

